

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

21 de junho de 2022

ENTRE ILHAS / 2022

um filme de Amaya Sumpsi

Realização e Fotografia: Amaya Sumpsi / **Textos:** Agendas da família Alberto Neves, Urzelina - São Jorge / **Narração:** Carlos Medeiros, Amaya Sumpsi / **Músicas:** Luís Senra, Grupo Ronda das Nove, Pedro Lucas e Carlos Medeiros, Banda Tributo, Efi Thodi, Vetímis Dimítrios / **Som:** Eduardo Ventura / **Montagem:** Rita Figueiredo, Amaya Sumpsi, Pedro Gancho / **Design dos Créditos:** Ruben Santos / **Montagem de som e Mistura:** Hugo Leitão / **Pesquisa de arquivos:** Amaya Sumpsi.

Produção: Cedro Plátano / **Direção de produção:** Diana Diegues – Açores, Renata Sancho / **Produtora:** Renata Sancho / **Cópia:** DCP, versão original em português e inglês com legendas em português / **Duração:** 76 minutos / **Estreia Comercial em Portugal:** Cinema City Classic Alvalade, a 30 de junho de 2022

Com a presença de Amaya Sumpsi

A primeira ideia deste filme nasce em 2016, numa viagem entre as ilhas de São Miguel e do Faial a bordo do navio de passageiros “Express Santorini”. Desde pequena que tenho o hábito de passar horas a observar com atenção o que se passa ao meu redor, imaginando a vida para além de tudo o que consigo ver e ouvir, e projetando um possível fora de campo. Esta longa travessia marítima era de facto perfeita para fazer aquilo que mais gosto: passeando pelo convés ou sentada nos salões do bar, estudava os detalhes dos espaços, contemplava as paisagens, observava os gestos dos corpos e ouvia as conversas dos passageiros, imaginando o resto. O Santorini lembra um *love boat* em decadência que navega em lentidão, transportando-nos para um ritmo antigo em que, sob o efeito da ondulação do mar, os corpos se vão relaxando e as conversas também. Turistas e locais fazem do barco a sua casa e apropriam-se deste espaço, que uma vez foi luxuoso, para o transformar num acampamento improvisado, com sacos-cama e marmitas, rádios e guitarras, cartas e dominós. O barco é de facto um lugar de encontro humano, mas não só. A sua passagem pelas ilhas parece estabelecer uma coreografia que cria uma dança-espetáculo onde a insularidade se sente como em nenhum outro sítio. Quando finalmente cheguei ao Faial sabia já que este seria o meu próximo filme: o feitiço que o Santorini tinha lançado sobre mim só seria desfeito quando conseguisse contar a sua história. Os meus filmes não nascem de lugares, pessoas, ou temas

que se possam escolher e planificar à *priori*, mas sim do deslumbramento emocional e sensorial que certos encontros me produzem. É a partir desta fascinação inicial e repentina por pessoas ou objetos e o mundo que os rodeia que parto para um estado de profunda inquietação cinematográfica, em que a câmara é ao mesmo tempo diário pessoal e caderno de campo etnográfico. É esta dupla condição da pessoa-câmara e um estado de desassossego e sobressalto que me leva a procurar incessantemente respostas e a explorar novos caminhos. De pergunta em pergunta salto do moderno Santorini para os antigos vapores e iates, e entre conversas e fotografias antigas viajo de uma realidade hiperconectada e frenética para um outro mundo antigo, lento e apaziguado. Como toda a etnografia, os meus processos cinematográficos são também lentos e morosos: foram precisos cinco anos de investigação, filmagens e pós-produção para chegar a este **Entre Ilhas**, um filme-viagem entre Madrid, Lisboa e os Açores, entre o presente e o passado e entre o real e o imaginado. Mas todo o encontro precisa do seu tempo, e o que é um filme, se não uma soma de tantos encontros?

Amaya Sumpsi